



## **Transtornos Mentais: A Comunicação cotidiana - o primeiro diagnóstico? <sup>1</sup>**

Irenilda Maria da SILVA<sup>2</sup>

João José Santana BORGES<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA.

### **Resumo**

O objetivo desse trabalho é analisar, sob a ótica da comunicação, algumas situações familiares que envolvem doenças mentais ou simplesmente a loucura, estereótipo difundido há tanto tempo. Essa preocupação não é recente, ela compõe o quadro das formulações teóricas de uma área da comunicação interessada nos estudos das interações sociais. Para tanto, apresentamos nesse artigo algumas contribuições de Erving Goffman no campo das representações, bem como Eliseo Veron na sua pesquisa interdisciplinar envolvendo a comunicação e a psiquiatria. Na apresentação desses relatos será evidente a natureza comunicacional das trocas cotidianas, quando a identificação emerge e se detectam os transtornos mentais.

**Palavras- Chaves:** estereótipo; transtornos mentais; representação; interação; família.

### **Introdução**

Dispostos em relatos etnográficos, os loucos ou desajustados serão aqui referidos em suas particularidades, seus sintomas, a partir de uma análise das interações que se modificam à medida que os modos de sentido de realidade são tidos como “transtornados”. Essa abordagem etnográfica enquanto método de estudo será

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ - XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste de 2 a 4/07/2015

<sup>2</sup> Graduanda do 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios, email: [irenildam.silva03@gmail.com](mailto:irenildam.silva03@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Múltiplos Meios, email: [jjborges@uneb.br](mailto:jjborges@uneb.br).



necessária para se observar, a despeito desses rótulos, a capacidade dos personagens conseguirem manter o vínculo com o mundo presente, mesmo que esses momentos se apresentem raros. Além disso, com a etnografia pode-se perceber como os sentidos da realidade e normalidades são partilhados pela comunicação nas interações com esses personagens.

Erving Goffman (1967) retrata essa comunicação como *discrepante*, pois o indivíduo rotulado como louco não mais desenvolve uma representação do “normal” e do seu papel na sociedade, demonstrando a incapacidade de compor fachadas, sendo visível somente um papel impróprio aos olhos de outros personagens tidos “normais”.

Esta é um dos principais argumentos obtidos do trabalho de Goffman. Representante do interacionismo simbólico, corrente de estudos da sociologia da comunicação, Goffman (1967), tem uma série de estudos sobre interação social e como o indivíduo se comporta diante do outro. Para efeito desse artigo, será utilizado o referencial teórico da obra *A representação do Eu na vida cotidiana*.

### **Como se apresenta a loucura**

A representação da loucura nesse estudo é dada como a incapacidade de manter a sanidade requerida pela sociedade, os costumes impostos, os quais são representados por todos que se dizem “normais”. Quando a rotulação é feita, dificilmente se é possível o distanciamento da mesma ou mudar a conduta, usando novamente a máscara da sanidade requerida pelos padrões já estabelecidos.

A natureza humana universal não é uma coisa muito humana. Ao adquiri-la a pessoa torna-se uma espécie de construto que não é produzido pelas propensões psíquicas internas, mas pelas regras morais impressas nela a partir do exterior. Tais regras, quando seguidas, determinam a avaliação que a pessoa fará de si e dos seus colegas-participantes dos encontros, a distribuição de seus sentimentos e os tipos de prática que empregará para manter um especificado e obrigatório tipo de equilíbrio ritual. A capacidade geral de estar ligado pelas regras morais pode até pertencer ao indivíduo, mas o conjunto particular de regras que o torna um ser humano é oriundo dos requerimentos estabelecidos pela organização ritual dos encontros sociais (Goffman, 1967, pg. 45).



A partir desse momento do texto, serão utilizados relatos escritos em primeira pessoa, com o intuito de analisar as interações familiares que decorrem das rotulações de loucura em ambientes de comunicação interpessoal.

Em visita a minha cidade natal Belém do São Francisco, no estado do Pernambuco, ouvi e vi pela primeira vez Jerônimo José da Silva e Cláudia Maria da Silva (chamada sempre de Cadinha), meus tios e que eram considerados “loucos”, estereótipo utilizado na época para os transtornos mentais em geral.

A comunicação está inserida nesse contexto, visto que para perceber qualquer mudança de comportamento é nela que se observam os primeiros indícios de anormalidade. Os teóricos fazem alusão a esse tipo de comunicação quando as respostas não tem conexão com a pergunta, à fala não é mais no presente, percebendo-se oscilação no tempo, essas mudanças são percebidos geralmente primeiro pelos familiares.

Curiosamente comecei a passar longos tempos a observar Jerônimo, um homem de cabelos longos, aparência bonita, anteriormente, ao início das mudanças de comportamento com traços de loucura, ele era funcionário público do cartório da cidade. Relembrando que se não fosse pela opinião dos familiares e da população da localidade, somente pelos seus movimentos exagerados no momento de se alimentar, beber água, olhar distante, conversa com alguém invisível, poderia não perceber uma pessoa “louca”, se não fosse esse o título já designado a ele. No seu cotidiano sempre fazia passeios ao centro da cidade e no retorno sempre trazia uma barra de doce de leite (500gr), ingeria completamente, conversando sobre assuntos impossíveis de decifrar com uma pessoa imaginária. Para Goffman (1975), essas características e o distanciamento com o momento presente, torna o indivíduo um desviante, sem conseguir estabelecer contato com a normalidade, pois os “normais e estigmatizados são perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro”(Goffman, 1975, pg.148) .

Cadinha, porém, quase nunca era vista, pois o sintoma apresentado era de uma pessoa bastante violenta, sendo necessário mantê-la amarrada em seu quarto (não se comentava a internação em instituição para tratar transtornos mentais). Maria Venância sua mãe era a responsável por cuidar durante os ataques de loucura (como era chamado), pois ela se



machucava e também quem estivesse próximo, pois, era uma mulher de estatura alta, além de muito forte, por essa razão era necessária constante vigilância, para não causar acidentes ou agredir outros. Conforme Goffman (1996), que retrata as instituições, "... são estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu" (1996, p. 22), nesse caso o status da família contribuía para a não cogitação de internação em manicômio, similar a outras famílias com casos de loucura existentes na cidade.

O panorama se modificou na casa durante os anos seguintes, pois Jerônimo que era mais dócil se tornou agressivo com os moradores da cidade que intensificaram os rótulos e começaram a gritar “doido”, “maluco”, “louco”, durante seus passeios. Essa mudança o trouxe para vizinhança da casa, “pegar” literalmente na mercearia seu doce de leite, sair correndo e gritar para o rapaz do balcão “bota na conta”. As suas atividades começaram a se tornar restrita a sua rua ou as vezes não sendo permitida sua saída da residência, pois havia medo dos familiares dele ser machucado ou machucar pessoas.

Várias mudanças ocorreram em todos esses anos, sem fazer nenhuma investigação detalhada com relação aos diagnósticos ou quando começou a serem notados pela família os transtornos mentais. Jerônimo com suas particularidades não deixa que ninguém se aproxime se notar um curativo ou ferimento, pois sempre diz que “não gosto de doente”. Cadinha quando medicada atende as pessoas, com voz mansa dar a bênção, conversa e relembra sobre a família da visita, mas se não estar medicada desconfia e fica falando coisas sem nenhuma coerência com o momento presente e aí se perde em devaneios, encarando quem estar perto, chamando por outros nomes, fazendo monólogos. Diante desses quadros percebemos que “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de reconhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (Goffman, 1985, p.11), .

Com o tempo as visitas ao médico aumentaram, principalmente para Jerônimo, pois diagnosticou diabetes, também teve um AVC (Acidente Vascular Cerebral), o qual após esses acontecimentos se limitou a passeios no jardim da casa, utilizando uma cadeira de rodas, mudanças na alimentação, reclamações sobre o mingau de aveia que lhe é servido pela manhã utilizando palavras engraçadas. Cadinha nesse ínterim passou a cuidar dele, lavando, passando e fazendo companhia no jardim (interessante que antes ele não suportava sua presença, visto que a chamava de “doente”).



Em 22 de dezembro Cadinha sofreu um aneurisma e faleceu. Jerônimo que estava próximo ao quarto e presenciou o momento teve um ataque epilético, deixando toda a família em desespero. No dia 23 durante o velório de Cadinha, observando a casa repleta de pessoas, não fazendo referência a noite anterior questionava a movimentação. Ele passa momentos longos no jardim, sempre na companhia dos sobrinhos netos, não faz nenhum comentário sobre Cadinha, provável que não se lembre, mas será que não sente falta de quem por tanto tempo viu na casa, a lavar, passar e lhe fazer companhia, é como se o seu cérebro tivesse apagado todas as memórias, sem nenhum resquício da presença da irmã, sem nenhum sinal de lucidez.

### **Considerações finais**

O enquadramento analisado nesses relatos remete ao autor Eliseo Verón (1980), quando busca o sentido dessas representações ao observar os personagens rotulados de loucos, de maneira a tentar desvendar a classificação imposta as suas características pessoais quando se apresentam diferente dos outros.

O sentido é uma propriedade associada a certos elementos observáveis, as mensagens. O sentido não é um "conteúdo de consciência": remete a certas operações realizadas por emissores e receptores, que podem ser reconstruídas a partir das próprias mensagens, e expressas num modelo. Um dos passos decisivos para constituir essa ciência da comunicação social é, pois, o que nos leva da noção de representação à noção de mensagem. A primeira supõe fatalmente a consciência intencional de um ator, e é um conceito estático; a segunda supõe um sistema de operações, e é um conceito dinâmico. (VERÓN, 1998).

As relações que vemos nos relatos nos remetem a uma constatação que aponta para diagnósticos feitos mediante suposições, instrumentos preestabelecidos, métodos seguidos por gerações, pois se o indivíduo se torna incapacitado de manter características aceitáveis à conjunturas a todos rotulados de “normais” ou no outro extremo de loucos, pois não se enquadram as normas.

Por meio dessa produção de conhecimento os indivíduos se limitam a construir argumentos ou elaborar abstrações sobre comportamentos avessos a essa já determinada conclusão, que exclui os que não conseguem manter o controle mental no cotidiano,



deixando transparecer desequilíbrios mentais, sem manter a sanidade na maior parte do dia a dia. Através dessas interpretações é que se faz associação a loucura, continuando a reflexão acerca desses diagnósticos produzidos pela comunicação através dos familiares que sem nenhum critério formula a divisão normal e anormal (louco).

Vimos nesses relatos que os transtornos mentais se apresentam por rótulos, nos estabelecendo um diagnóstico sem constatação, somente a comunicação cotidiana como avaliadora e diretora, como expressa Verón(1980), “(...) Mesmo tendo em vista um destino plenamente social, dificilmente pode ser evitada essa consequência fatal da imperfeição cerebral (...), tornam-se de modo cômodo, verdadeiro diretores de uma conduta, (...)”. (1980, p.137).

### **Referências Bibliográficas**

GOFFMAN, E, **A representação do eu na vida cotidiana**, RJ: Ed. Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_ **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes. 1985

\_\_\_\_\_ **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspective. 1996

\_\_\_\_\_. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Nova York, Anchor Books 1967

VERÓN, E., **A produção de sentido**, SP: Ed.Cultrix, 1980

LA TORRE, Alberto E.M. G, **Formulações teóricas instigantes: Alguns aspectos configuradores das propostas de Verón**

Acesso:

20/05/2015 <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/download/307/189>